

solubilidade apresentam custos elevados, o que implica a necessidade de testar fontes de nutrientes que apresentam boa solubilidade, como uréia como fonte de nitrogênio e cloreto de potássio como fonte de potássio, já que estas fórmulas apresentam altas concentrações desses nutrientes, o que torna mais viável economicamente a atividade da fertirrigação, porém sem causar danos ao sistema de irrigação (entupimento), que venham resultar em problemas de uniformidade de distribuição e aplicação tanto da água quanto do fertilizante. Os custos de aplicação são muito variáveis e dependem de uma série de fatores locais; assim com o objetivo de comparar apenas o efeito do preço dos diferentes produtos na fertirrigação, foi montado um experimento no período de setembro de 1999 a maio 2001, em uma área experimental de 1,5 ha, no município de Viçosa MG. Na área esta sendo cultivado um cafeeiro do cultivar Catuaí IAC 44, com data de plantio no início do ano de 1991, no espaçamento de 3,0 m entre linhas e 1,0 m entre plantas, constituindo um stand de 3330 plantas por ha. Foram implantados 4 tratamentos na área experimental. Observa-se que o menor custo entre as fórmulas utilizadas na fertirrigação foi encontrado pela composição das fórmulas uréia/cloreto potássio/super simples, o que é justificado pela maior concentração dos nutrientes N e K nestas fórmulas. A suposta influência do cloreto de potássio (rosa) sobre o desempenho do sistema de irrigação, em razão de à baixa solubilidade e concentração de ferro, não foi constatada após dois anos de uso, devendo ser avaliado por um período maior. Os tratamentos que utilizam nitrato de cálcio/nitrato de potássio/super simples e Hidranplus apresentaram custos muito mais elevados, superando o tratamento de menor custo em 428 e 259%, respectivamente. Considerando que não existem diferenças significativas da produtividade medida, os custos levantados para os produtos aplicados permitem concluir a respeito da inviabilidade de sua aplicação em lavouras cafeeiras, em condições semelhantes às deste trabalho. Considerando que não existem diferenças significativas da produtividade medida, os custos levantados para os produtos aplicados permitem concluir a respeito da inviabilidade de sua aplicação em lavouras cafeeiras, em condições semelhantes às deste trabalho. A pequena diferença encontrada entre a adubação convencional e a fertirrigação com uréia/cloreto evidencia a necessidade de estudos específicos relacionados à comparação da fertirrigação e da adubação convencional em condições da Zona da Mata de Minas Gerais, considerando pontos relevantes como operacionalização da fertirrigação, custos comparativos da aplicação do produto (mão-de-obra, máquina etc.), qualidade da aplicação, compactação do solo, etc

Palavras-chave: café, fertirrigação, custo.

CUSTOS DE PRODUÇÃO DE CAFÉ CONILON NO ESTADO DO ACRE

Jair Carvalho dos SANTOS, Sandra Aparecida VEIGA, Celso Luís BERGO, Gilberto Costa do NASCIMENTO

Embrapa Acre. Caixa Postal 321, 69908-970, Rio Branco, AC. Email: jair@cpafac.embrapa.br

Os custos de produção representam um referencial para os produtores na tomada de decisões relacionadas a investimento na cultura e ao nível de tecnologia de manejo para a cultura já implantada. Do ponto de vista público, representa uma importante fator de determinação de políticas para o Setor, especialmente crédito rural, tributação e preços mínimos. Para a cultura do café, no ano de 2001/2002 essas informações tornaram-se de grande relevância pelas baixas cotações do produto nos mercados internos e externo. Este trabalho teve como objetivo apresentar uma estimativa dos custos de produção de café da variedade Conilon, para a safra 2001, no estado do Acre. Foram determinados os custos fixo, variável e total, considerando o modelo de sistema de produção mais adotado (típico) no município de Acrelândia, principal polo de produção de café no Estado. Na análise considerou-se uma lavoura em fase estabilizada de produção, com 5 anos de idade. A avaliação de custos de produção do café foi fundamentada na operacionalização dos recursos que compõem os custos fixos e variáveis. Na avaliação dos ativos fixos, utilizou-se da depreciação apropriada pelo método linear. Os recursos analisados no processo produtivo da cultura do café foram: terra, benfeitorias, equipamentos, formação da lavoura e impostos fixos. Quanto aos custos variáveis, considerou-se as despesas com mão-de-obra, insumos (inseticidas, adubos,...), combustíveis, ferramentas e manutenção de equipamentos. O custo fixo foi estimado em R\$ 550,00 para cada hectare e o custo variável em R\$ 801,00. O custo total é definido pelo somatório do custo fixo e do custo variável, resultando em um valor de R\$ 1.351,00. Considerando que o preço mais ocorrente do café na época de safra foi de R\$12,00 por saca de 40 kg de café Conilon em coco (R\$ 0,30 por kg de café), para uma produtividade média de 2.000 kg de café em coco por ha, verifica-se que as receitas com café, de cerca de R\$ 600,00 por ha, não foram suficientes para cobrir os custos variáveis com a cultura. Seria necessário um preço de café de cerca de R\$ 16,00 por saca de café em coco para cobrir

apenas os custos variáveis e de R\$ 27,00 por saca de café em coco para cobrir os custos totais de produção.

Palavras Chave: Café, conilon, custo.

DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA MARCA “CAFÉ DE RONDÔNIA”

Calixto ROSA NETO

Embrapa Rondônia. Email: calixto@cpafrro.embrapa.br

O estado de Rondônia tem despontado como um dos principais produtores de café do país, ocupando o segundo lugar na produção do café Conilon, com previsão de colher entre 1,9 e 2,1 milhões de sacas beneficiadas na safra 2003/2004, de acordo com estimativa da Conab. Não obstante essa expressiva produção a tecnologia empregada pelo produtor é baixa, prejudicando a qualidade do produto, e, conseqüentemente, dificultando a obtenção de preços competitivos. Embora a criação da Câmara Setorial do Café, em novembro de 2000, tenha propiciado a inserção do “Café de Rondônia” no “Cafés do Brasil”, o processo de construção da marca ainda não se materializou, devido principalmente à falta de padrões de qualidade e do estabelecimento das suas características emblemáticas, de forma a ser percebido como um produto de qualidade pelo mercado consumidor. Partindo do princípio de que a construção do valor de uma marca resulta dos esforços de pesquisa, inovação, comunicação e outros que, ao longo do tempo vão sendo agregados ao processo de sua consolidação, este trabalho, utilizando o método do estudo de caso e de levantamentos de experiências, procura analisar, sob a perspectiva dos atores da cadeia produtiva do café em Rondônia, as condições a serem satisfeitas para que a marca “Café de Rondônia” possa ser viabilizada, bem como os desafios que se apresentam, principalmente para a pesquisa e transferência de tecnologia. Os dados foram coletados por meio de entrevistas estruturadas (com 122 produtores das microrregiões de Ariquemes, Ji-Paraná e Cacoal) e não estruturadas (com pesquisadores, cerealistas e técnicos da área). Os resultados mostram a necessidade de se estabelecer, por parte dos órgãos ligados à cafeicultura no estado, um conjunto de ações que permitam a apropriação, por parte dos produtores, de conhecimentos e condições que lhes permitam melhorar seu processo produtivo, principalmente no quesito qualidade do produto, condição essencial para que a marca “Café de Rondônia” possa se consolidar, além da necessidade de se definir de forma mais clara a cadeia produtiva do café no estado, visando estabelecer relacionamentos adequados entre seus diversos atores, fator que ficou evidenciado no trabalho realizado. Dentre os fatores que interferem na qualidade e produtividade do café destacam-se: colheita fora de época, com alto índice de grãos colhidos verdes, secagem feita de forma inadequada (65% dos produtores entrevistados utilizam terreiros de chão batido para a secagem do produto), incidência de pragas e doenças, principalmente a broca-do-café e permanência do café na “roça” por mais tempo do que o recomendado, fazendo com que o café produzido, na sua maioria, fique fora do padrão de qualidade estabelecido pela Câmara Setorial, que é a de um café tipo 6, peneira 14 e acima, dificultando, assim, que o produto tenha competitividade em termos de participação de mercado e preços atrativos. Dentre os principais problemas apontados pelos produtores como limitantes da atividade cafeeira sobressaem-se a falta de recursos financeiros, falta de assistência técnica (71,3 % dos entrevistados afirmaram não ter recebido, no ano de 2002, nenhuma visita de técnicos da extensão rural na sua propriedade) e falta de mão-de-obra, esta última decorrente do baixo preço pago pelo café na última safra. Mesmo diante de tais problemas, existe uma atitude positiva por parte dos produtores em relação ao futuro da atividade, já que cerca de 85% dos entrevistados disseram pretender melhorar a tecnologia, aumentar a produção e melhorar a qualidade do produto para obtenção de melhores preços. Desta forma, verifica-se que a consolidação da marca “Café de Rondônia” depende da ação integrada de instituições governamentais, cerealistas e produtores, para, num primeiro momento, obter a qualidade desejada para que o produto possa ser competitivo, e isso requer um processo estruturado e bem coordenado; num segundo momento definir mercados para o café produzido no estado, inclusive externo, como propõe um empresário da área, que vê o mercado asiático, principalmente a China, como um potencial comprador e consumidor do café de Rondônia, pois, para ele, o café produzido em Rondônia geralmente é bebida dura e teoricamente possui as mesmas possibilidades de alcançar boa qualidade como qualquer café do Brasil ou do mundo, desde que se adote os procedimentos corretos de colheita, pós-colheita e preparo.

Palavras-chave: Café de Rondônia, qualidade, marca.